Ano 18.º Sabado, 6 de Junho de 1925 N.º 881

O DEMOCRATA

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. «Lusitania»
Rua Eça de Queiroz n.º 3 — AVEIRO

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda n.º 21

Semanario Republicano de Aveiro

João Chagas

O arauto da Republica desceu à sepultura, mas o seu espirito, a sua fé, que o sacrificio cimentou, hade pairar sobre esta Patria como o clarão duma aurora redentora, despontando para envolver em centelhas de luz a consciencia dos que o seguiram com os olhos fitos no futuro.

João Chagas foi, quanto a nós, dos jornalistas republicanos, aquele que mais proselitos conquistou e reuniu em volta do seu ideal.

Em 1890, tinhamos então 11 anos, o seu nome gravou-se-nos de tal maneira no cerebro que desde aí nunca mais voltâmos a esquece-lo.

O *ultimatum* inglez havia revoltado o país e a mocidade, dando expansão aos seus arrebatados impetos patrioticos, saíu tambem a protestar contra a afronta, servindo-se de todos os meios: o comicio, o jornal, o panfleto, o manifesto, em que as instituições monarquicas eram violentamente atacadas.

Nós liamos tudo, tudo quanto aparecia, sem excluir os jornaes do Porto, que, nessa época, tinham a maior venda nesta cidade.

A certa altura apareceu, vibrante como um clarim de guerra, *A Republica*, onde João Chagas firmava artigos contundentes, demolidores, de rara energia contra o existente.

Depois, em substituição deste diario, surgiu outro com o titulo ainda mais expressivo—*A Republica Portuguêsa*.

O ambiente ia-se tornando propicio ás novas ideias, sendo a colaboração de João Chagas ávidamente lida e apreciada pois era de todos os jornalistas revolucionarios do norte o que melhor expunha as suas razões, indo direito ao fim.

João Chagas andava na bôca de toda a gente e por isso quando os governos começaram de o perseguir, supondo que o fariam calar, em muitos espiritos entrou a revolta, sinal de que a semente espalhada havia de germinar mais tarde ou mais cêdo.

E é que não tardou muito que isso acontecesse visto o 31 de Janeiro de 1891 ser uma logica consequencia da propaganda aturada, persistente, continua de João Chagas que nem enclausurado, metido na cadeia pelos esbirros da monarquia, deixava de comunicar com o publico, indicando-lhe o caminho a seguir para honra de Portugal.

Mercê de circunstancias varias, a revolta do Porto, horas depois de se ter iniciado, terminava pela derrota das forças republicanas a que se seguiu a prisão dos seus dirigentes e cumplices.

João Chagas não escapou á senha dos vencedores. Transitando da cadeia, onde estava cumprindo pena por abuso de liberdade de imprensa, para bordo dum navio, respondeu a conselho de guerra e, como tantos outros, depois de assumir a responsabilidade dos seus actos, foi condenado.

Esteve no degredo, donde fugiu. Esteve no exilio; passou as maiores torturas, conheceu toda a especie de privações, mas nunca por nunca ser as suas convicções se abalaram, as suas ideias sofreram alteração. Homem de principios, puros e imaculados os conservou, sofrendo com resignação, até que um dia poude voltar ao país para novamente encetar o caminho interrompido.

Esta segunda fase da sua carreira politica iniciou-a ele em Lisboa, talvez—quem sabe? — para estar mais proximo do trono, que se propoz demolir. E assim, a 4 de agosto de 1896, fazia circular um novo jornal com o sugestivo titulo *A Marselheza*, de que possuimos a colecção completa, incluindo muitos numeros mandados apreender pelo governo de então, e no qual a pena vigorosa de João Chagas traçou o primeiro artigo—*Na brécha*—que diz integralmente:

Publica-se mais um jornal republicano em Portugal.

Este facto, porêm. não significa que a ideia republicana haja feito uma conquista nova.

A Marselheza *é um dos numeros de uma série de panfletos com que ha seis anos venho afirmando a portuguezes que é tempo de se redimirem.*

Significa que recuperei o meu logar.

Congratulo-me por o ocupar novamente, porque me fazia falta.

A um homem que advoga ideias, movido dos impulsos a que obdeço, faz falta uma arma, seja uma espada, uma clavina, ou uma pena.

Quem luta com a esperança, com a segurança de vencer, sente a necessidade de bater-se.

Este jornal é um pretexto para lutar e um convite á lucta.

Promovo-o com o mesmo ardor e egual entusiasmo ao que me animava quando eu combatia com a audacia e a indiscrição dos que se iniciam.

Precisei do sacrificio, como de um batismo e hoje, que ele se consumou, sinto-me mais feliz e mais forte.

Tenho a meu lado um publico que não me desconhece e algumas boas almas que me querem. Isto robustece. Com a Multidão faz-se tudo. O essencial é possui-la. Na Multidão está o destino misterioso de Portugal.

Afirmar, portanto, que esta publicação é de minha iniciativa, tanto vale dizer o seu intuito.

Não tenho programas, como o não tem homem algum disposto ás maximas inspirações da paixão. No tumulto da vida portugueza, o que é mister é triunfar—seja como fôr.

João Chagas

A Marselheza vem, como A Republica Portuguesa, afirmar o direito ao futuro e dizer ao Portugal que ainda não se convenceu — que se afaste, e ao que está persuadido—que caminhe!

Não precisâmos mais para mostrar á geração de hoje quem era o homem que acaba de desaparecer da scena da vida e pelo qual tinhâmos uma profunda veneração, como, por certo, a maior parte dos seus companheiros de propaganda.

João Chagas dorme agora o sono eterno na paz do tumulo depois de receber a maior consagração do pais num funeral cheio de imponencia e a que *O Democrata* se associou representado pelo antigo comissario de policia de Aveiro, sr. Beja da Silva. Dorme, descança aureolado por todo o Portugal republicano, que, pela bôca doutro prestigioso vulto da Democracia, o dr. Magalhães Lima, lhe disse o ultimo adeus antes de baixar ás profundêsas da terra.

Arquivêmos as suas palavras. Que valendo como demonstração do alto apreço em que João Chagas era tido, servem egualmente de homenagem ás suas virtudes civicas, ao seu talento, ás patrioticas intenções que o dominavam e á qual este periodico deseja tambem prestar o seu tributo.

Ouçâmo-lo:

«Quis o Destino que eu sobrevivesse para proclamar bem alto as excelsas virtudes dos meus amados companheiros de luta, valorosos irmãos de armas, e demonstrar que me encontro no meu posto de sempre, podendo, á maneira de Pericles, o glorioso fundador da Republica Ateniense, exclamar para o nosso *batalhão sagrado*: «Se alguem mudou, não fui eu». Falo em nome da Comissão de Honra encarregada de prestar uma derradeira e sentida homenagem ao grande combatente e famoso batalhador que se chamou João Chagas. Ha nomes que valem tudo: simbolos, bandeiras, divisas. E João Chagas foi um deles, porque encarnava o espirito republicano. O que caracterisa uma instituição e o seu espirito, razão de ser da sua existencia.

Vou proferir palavras de paz, de que tanto carece a nossa sociedade, amor e enternecimento e solidariedade, a solidariedade, a que nos liga aqui, une, vincula e funde no mesmo pensamento, no mesmo sentimento e numa mesma vontade—pensamento da libertação de todos os erros, de todos os vicios e de todas as mentiras; o sentimento do dever cumprido e do dever a cumprir, mais imperioso ainda; a vontade firme e indomavel de cumprir o que prometemos na oposição para reconquistar a confiança do povo. Agradeço ao governo a lembrança do meu nome. Mais do que os meus cabelos brancos, que são um triste privilegio, eu represento por direito de conquista, a tradição republicana, que não se deve esquecer nem perder, a tradição republicana dos principios, da coerencia, do supremo sacrificio, tradição republicana que pode resumir-se no espirito de renuncia que caracterisa os apostolos e os evangelistas.

João Chagas foi um bravo precursor, dos mais bravos, dos mais destemidos e dos mais valorosos. Vi-o em campo. Admirei a sua coragem e o seu talento. Ser percursor é possuir a fé ardente que levanta as almas, é fitar o firmamento azul, esperando a aurora que nos traz o dia que nos conduz á terra da promissão; ser precursor é expor a vida por um ideal de beleza e de resgate, é afrontar o perigo de frente, é não recear nem a perseguição, nem a prisão, nem o degredo, nem o exilio; é viver para a grandeza e para o heroismo, é esperar serenamente, sem tibiezas nem desfalecimentos, é viver, enfim, vida intensa e fecunda. Eu amo os percursores. Por isso recordo os tempos heroicos da propaganda em que a Republica era uma realidade para as nossas almas. Com que saudade registo esse periodo e como desejaria regressar a ele.

Pontificava por esse tempo o divino Hugo. Idealistas eramos sem duvida. Mas o que seria o mundo sem o idealismo que o ilumina e aquece?! João Chagas foi um filho espiritual de Victor Hugo. A sua linguagem era pura, clara e sugestiva. Tinha o dom da persuasão. O que Vitor Hugo e Rochefort fizeram em França, derrubando o terceiro imperio, fe-lo ele reduzindo a realeza ás suas devidas proporções. A sua acção como panfletario refletiu a de Armand Carrel. Por isso lhe tributo em nome da Associação de Jornalistas e Escritores, que represento, como presidente da respectiva Associação, o meu culto mais sincero e ardente. A' semelhança do soldado de Maratoná ele não foi um vencido: foi um vencedor. Venceu em 31 de Janeiro, que foi a alvorada de 5 de Outubro; venceu em 14 de Maio abandonando a legação de Pariz para combater a ditadura; venceu no sidonismo, renunciando novamente ao seu cargo para defender a Republica ameaçada. Realisa-se o funeral de João Chagas numa hora grave para a nossa Patria. Não representa esta romaria piedosa apenas uma apoteose de momento. E' um compromisso de honra que impõe silencio ás paixões e aos interesses pelo combate decisivo contra o derrotismo que lavra. Ao arbitrio imponhâmos o respeito pela lei, ás oligarqnias dominantes opunhâmos o interesse nacional. E' o unico interesse legitimo.

Povo de Lisboa que me escutas e que tens sido a unica garantia da Republica; povo para quem tenho vivido e que tanto amo: impõe aos dirigentes a união dos republicanos como medida de salvação publica. Sejam considerados reprobos e precitos os que se afastarem desta linha. Queremos a união, não em palavras nem em promessas, mas a união sincera, de verdade. A bem ou a mal a união há-de fazer-se. Só assim terás honrado a memoria daquele que tanto sofreu pela Republica.

Para amar uma causa é preciso haver sofrido por ela. A solução imediata da politica portuguesa está na união dos velhos republicanos como meio de levantar o espirito publico abatido.

A peregrinação com que o povo acaba de acompanhar o feretro deste homem excepcional significa o reconhecimento de que lhe pertence o sacramento da luzida legião daqueles que se sacrificaram pela Patria e pela humanidade. E' o sacramento da encorporação social.

Uma frase lapidar imporá ás gerações futuras a sua obra, o seu gesto e a sua decisão soberana:

Il a hautement pensé
Et noblement agi.

Pensou altamente e procedeu nobremente. Eis a sintese da sua consagração.»

Contra o horario do trabalho

Um protesto do comercio e industria de Aveiro

A Associação Comercial e Industrial de Aveiro, reunida em Assembleia Geral na noite de quinta-feira, resolveu, depois de varios associados se terem pronunciado contra a violencia de se coartar a liberdade de trabalho, obrigando o comercio a um encerramento prejudicialissimo e até imoral, procurar o sr. Governador Civil, o que ontem fez, para com essa autoridade combinar a melhor forma de se chegar a acordo sem prejudicar os interesses de quem quer que seja.

A comissão nomeada avistou-se com o chefe do distrito pelas 11 horas da manhã, tendo resultado da conferencia alguma coisa de proveitoso tanto para o comercio como para o publico visto a autoridade superior do distrito estar na disposição de pautar o seu procedimento sempre de harmonia com os superiores interesses da circunscrição que administra.

Como pela parte que nos diz respeito temos as mais fundadas esperanças de que essa monstruosidade do decreto numero 10182 não tardará a ser revogado pela força das circunstancias, uma coisa desejâmos acentuar neste momento de repulsa e nojo por tão nefasta obra governativa: é que continuaremos a pugnar por uma Republica que tenha por lêma *Ordem e Trabalho*, despresando e combatendo quantos teem concorrido para a desgraça desta Patria, substituindo na bandeira verde-rubra, que saudámos em 5 de Outubro de 1910 como uma esperança de regeneração nacional, essa inscrição por a de *desordem e malandrice*.

Um áparte

Quando na sessão de segunda-feira da Camara dos Deputados o membro daquela casa do Parlamento, Jaime de Souza, falava na data gloriosa de 5 de Outubro e dizia prestar homenagem, em nome da maioria democratica, a João Chagas, houve um colega que, não lhe soando bem taes palavras, protestou com veemencia, exclamando:

—E' espantoso que seja o sr. Jaime de Souza quem fale nesta sessão em nome dos democraticos! Haja, ao menos, vergonha!

A bôas horas.

Os restos da Cooperativa

A comissão liquidataria da Cooperativa de Aveiro, composta dos srs. Antonio Dias Pereira, Firmino Fernandes e Ulisses Pereira, fez na quinta-feira entrega á Santa Casa da Misericordia da quantia de 6:902$05, que conseguiu apurar e na qual se acha incluida a percentagem arbitrada ao seu trabalho.

O relatorio será publicado dentro em bréve

A frandolagem

Um jornal de Oliveira de Azemeis, a proposito da creação duma camarca em Macieira de Cambra, como pretendia o ministro da Justiça, dr. Adolfo Coutinho, e que tanta celeuma levantou, diz que este foi administrador monarquico no concelho, pretendente infeliz a administrador republicano no mesmo e que o despacho de delegado do Procurador Regio o deve ao saudoso dr. Artur Pinto Basto, grande influente politico oliveirense e chefe do partido regenerador ao qual, pelo visto, o referido bacharel, andava encostado.

Tambem se não fosse assim nunca chegaria a ser deputado e a ascender aos melhores logares da Republica, acabando por se alcandôrar numa cadeira de ministro!

E ministro democratico, que é o partido onde se filiam todos os republicanos da força e convicções do sr. Adolfo Coutinho.

"Anuario Comercial,,

No importante estabelecimento de ourivesaria do sr. Antonio Ratola encontra-se já á venda esta importante publicação para 1925, que se compõe de dois grossos volumes e é da maior utilidade para o comercio.

Custa 250$00.

As estradas

Eis a carta a que fizemos referencia no numero anterior:

...Sr. Director de *O Democrata*

No artigo *As estradas*, publicado no ultimo numero do seu jornal, transcreve V. uma correspondencia de Vagos para *O Seculo*, que abona muito pouco a probidade jornalistica do correspondente.

E V., que fez a transcrição com a melhor da sua boa fé, acrescenta: "E mais será (comentando o caso) quando se souber que tendo o *Ilhavense* dito que o que o director das Obras Publicas precisava era com um marmeleiro da feira dos 13 sempre o dinheiro foi remetido para Vagos, mas para dar entrada na algibeira do abstruz de Sôza, Manuel Paulo, que, segundo nos dizem, forneceu a pedra com um lucro superior a cem por cento, apezar de ter sido colocada gratuitamente na estrada pelo serviço braçal municipal.

Se isto é verdade, que sorte devia esperar o melro que proíbe a compra da pedra pelos cantoneiros, para encher a barriga ao Paulo, de Sôza?

Tudo isso são informações muito avariadas que chegaram ao conhecimento de V. E, por ser assim, eu, filho do referido Manoel Paulo, venho pedir a V. o grande favor de publicar no seu jornal o seguinte desmentido:

1.º—O dinheiro não foi nem podia ter sido remetido para Vagos;

2.º—O meu pai está fornecendo pedra para as reparações de vários lanços de estradas, atravez do concelho de Vagos, ao preço de 20$00 a 22$00 escudos cada metro, posta no local, pelo *serviço voluntário dos lavradores* e não pelo serviço braçal municipal;

3.º—Até hoje, ainda não lhe foi documentada pedra alguma a mais de 22$00 escudos cada metro, apexar de toda ela ser calhau de bôa qualidade;

4.º—V. pode informar-se de que o preço dos outros fornecedores que estão pondo pedra nas estradas, é de 40$00 escudos, até mesmo para o calcareo de inferior qualidade. Destes, sr. director, nenhum é *abstruz?* Mas o meu pai tambem não é. De *truz*, em verdade e pelo visto, só os seus informadores, passaros de grande vôo e... pôpa na cabeça, como a calhandra.

Agradecendo antecipadamente a publicação desta, creia-me, sr. director

De V. etc.

Sôza, 27 de maio de 1925.

Duarte Nunes Paulo

"Modas & Bordados,,

O n.º 695, esta semana distribuido, não desmerece dos anteriores pelo que o interessante suplemento do *Seculo* continua a ser muito procurado.

Notas Mundanas

Vindo de Bolama, Guiné Portugueza, onde exerce o logar de secretario dos negocios indigenas, deve ter hoje chegado a Lisboa o sr. Alexandre dos Prazeres Rodrigues.

—Teve a sua délivrance, *dando á luz uma menina a esposa do nosso amigo Anibal Ramos, societaria da* Casa dos Ovos Moles.

Os nossos parabens.

—Foi nomeado delegado do Procurador da Republica para a comarca de S. João da Pesqueira o sr. dr. Carlos Vilas Boas do Vale, nosso conterraneo.

—Fez anos no dia 2 o sr. Alfredo Manso Preto e hoje fa-los o esclarecido farmaceutico local, sr. Henrique Norberto de Brito.

—Regressou de S. Vicente de Cabo Verde á sua casa de S. João de Loure, o nosso amigo Ivo Dias Maia, 1.º sargento da Armada, a quem cumprimentâmos.

Actor Eduardo Brazão

O teatro portugues sofreu um rude e inesperado golpe com a morte, em Lisboa, no dia 29 de abril, do glorioso artista, que, com Augusto e João Rosa, formou uma trindade por muitos titulos notavel, recebendo, em todos os palcos que pisou, unanimes aplausos.

Disseram os jornaes que o seu enterro não teve a concorrencia que devia ter.

Como produto do dessoramento do caracter de certa gente, é significativo.

Completando

Um grupo de gentis senhoras de Esgueira andou ali angariando donativos para o hospital, conseguindo a quantia de 311$29, já entregue ao respectivo tesoureiro.

Era presidido pela sr.ª D. Elisa Taborda na pessoa de quem depositâmos os nossos encomios.

IMPRENSA

«O POVO DO NORTE»

Acaba de transitar para o 35.º ano de publicação este confrade que Adelino Samardan dirige, com toda a proficiencia, em Vila Real de Traz-os-Montes, onde, desde a sua fundação, quatro mezes após o malogro da revolta do Porto, tem sido um verdadeiro defensor da Republica.

Com as nossas felicitações receba o *Povo do Norte* tambem, e mais uma vez, os protestos da nossa nunca desmentida e leal camaradagem.

Um tezo

Contaram varios colegas nossos de Lisboa após a revolta de 18 de Abril, dia em que havia de reunir o congresso do P. R. P.:

Um democratico provinciano que viera ao Congresso do partido e que, ao que papece, estava pouco afeito á proximidade revolucionária, foi, muito pálido, levado na onda até ao quartel do Carmo com muitos dos seus correligionàrios.

Alguem disse alto na sala dos oficiaes:

—E' preciso definir situações.

Um deputado para o nosso homem:

—Qual é a sua posição?

O interrogado, baixlnho:

—Eu lhe digo, sr. doutor. Estou no Hotel das Duas Nações mas vou-me raspar para o Cartaxo.

Transcrevendo este *suelto*, um jornal daquela localidade acrescenta:

Seria engraçado saber-se quem foi o grande *heroi* que deu motivo a êste éco. Provavelmente algum desses *valentes barriguistas* que para aí pululam...

Valentes barriguistas olhem que não está mal apanhada.

Roubo de importantes valores duma herança

Um grande escandalo

A proposito do que no numero transacto aqui publicámos com as epigrafes acima, recebemos de Oliveira de Azemeis a seguinte carta assinada pelo sr. Jorge Cruz Lopes dos Reis:

Oliveira de Azemeis, 1 de Junho de 1925.

...Sr. Arnaldo Ribeiro
Director de *O Democrata*
AVEIRO

Mão amiga acaba de mostrar-me o n.º 880 do seu conceituado jornal e de chamar a minha atenção para uma local sob o titulo *Roubo de importantes valores de uma herança* que era a transcrição de outra local de *O Primeiro de Janeiro*, do Porto.

Dignou-se V. fazer umas ligeiras perguntas a que me permito responder para que fique mais ilucidado.

O caso tem o que quer que seja de muito extravagante e não pode ficar assim para que, ao menos, todos saibam com o que podem contar de hoje para ámanhã em casos semelhantes. Trata-se, Ex.mo Sr., do seguinte:

O Ex.mo Sr. Dr. Artur da Costa Souza Pinto Basto, que faleceu n'esta vila a 3 de Abril p.p. deixou um testamento *devidamente legalisado* em que instituia como herdeiras do remanescente, em partes eguaes, as suas duas sobrinhas, Leonor de Melo Pinto Basto (filha de uma senhora que me dizem ser conhecida em Aveiro pela *Joana, a doida*) e por minha mulher, Leopoldina Pinto Basto Kopke de Carvalho Reis.

Acontece, porêm, que, Ex.mo Sr. quando da morte do Dr. Pinto Basto, uma *ménagère* que este tinha e que sobre ele exercia certo predominio, juntamente com o testamenteiro e com o marido da tal sobrinha Leonor, começaram por propalar que minha mulher estava deserdada e que o falecido tinha feito testamento em favor exclusivo da outra herdeira, o que era, afinal de contas, redondamente falso, como poderá sabe-lo por o decorrer d'esta.

Uma pessoa amiga, das taes pessoas amigas que, afinal, sempre ha, veio prevenir minha mulher da tramoia e eu requeri imediante uma certidão do testamento a qual me veio desde logo dizer que estava evidentemente roubado.

De facto assim era, e o escandalo da roubalheira foi tão grande ainda antes de nós termos chegado, que a Fazenda Nacional, na defeza dos seus interesses, teve de mandar fechar e selar a casa para se proceder ao arrolamento dos bens existentes, pois que, de contrario, nada receberia tambem.

Comece V., por aqui, a vêr a qualidade do escandalo, que começou por ser publico antes de mais nada.

Pois muito bem. Estando eu já aqui a tratar do caso, calhou tambem vir a Oliveira o sr. Comissário Geral de Policia de Aveiro, Judice Bicker, e dizendo-lhe eu e minha esposa o que se passou e que ia requerer agentes da investigação de Lisboa ou Porto, ele respondeu-me que não fizesse tal por quanto tinha sobordinados seus competentes, tanto mais que eu havia feito um inquerito particular e que por isso mesmo as deligencias não precisariam de nenhum fnra paredes para as levar a bom termo.

Calculei que assim era, de facto, e que as boas razões alegadas deviam ser por mim tomadas em conta.

Ainda assim, á cautela, fui continuando e completando as minhas investigações particulares, não fosse o diabo arma-las e eu ficar comigo.

Requeri as investigações depois d'isso e, confesso muito lealmente, estava satisfeito com o serviço dos agentes, que eram nem mais nem menos do que o chefe Rodrigues e o agente Bastos, da policia de investigação de Aveiro.

Mas—ha sempre um *mas* em todas as coisas da vida—mas, dizia eu, n'esta altura tiveram os agentes *necessidade de ir a Aveiro*, tanto mais que era sabado, precisavam de mudar de roupa (o termo é realmente bem cabido ou foi, pelo menos, bem arranjado) e por que no domingo nada poderiam aqui fazer, por ser domingo, viriam na segunda-feira seguinte a tempo e horas.

Foi o diabo nesta altura. Meteu-se a politica de Espinho no caso e vamos a ver o resultado que deu.

O marido da tal sobrinha Leonor, que é qualquer coisa parecida com vereador da Camara de Espinho, agarrou-se ás abas da casaca do Dr. Salvador e aí vai ele até Aveiro conferenciar com o Comissario de Policia.

Pois muito bem; V. não caia da cadeira abaixo com o que lhe vou dizer: devendo o sr. Comissario prende-lo n'essa ocasião, em face da prova criminal já então existente (e o sr. Comissario não o ignorava porque estava informado pelo chefe Rodrigues do estado em que se achavam as deligencias) mandou-o fazer um requerimento pedindo a suspensão das deligencias que estavam em curso e deferiu!

Vi eu com os meus olhss esse requerimento e pode testemunhar esse facto o Ex.mo Sr. Dr. Ruela, que me acompanhou quando ali fui em missão de protesto.

Mas isto não é tudo. V. conserve um pouco de calma e acabe de ler o que se tem passado.

Quando eu soube do sucedido protestei e não sò protestei como tratei de fazer contra vapor, como costuma dizer-se, para não ficar comido. Fui á procura dos amigos, que felizmente ainda os tenho, e bons, e pedi-lhes lealmente que me ajudassem no meu protesto contra semelhante pouca vergonha.

Então admite-se lá que eu ámanhã, porque me não convem ser preso, vá requerer, e o meu requerimento seja deferido, para que essas deligencias não prossigam?

Isto poderá ser comodo, mas não é nem sério, nem digno, nem honesto, nem razoavel, nem legal.

O que é certo é que os amigos meus se mecheram e que o tal requerimento, que está fechado nas gavetas do sr. Comissario em vez de estar junto aos autos, teve de ficar sem efeito, para o que foi preciso que o requerente viesse fazer um novo requerimento para que as deligencias prosseguisssem (requerimento que o Ex.mo Sr. Dr. Ruela tambem viu e que tambem está na gaveta do sr. Comissario em vez de estar a instruir o processo) tendo, ao que parece, combinado as coisas pelo melhor.

E quer V. ver como aquele *ao que parece* sai certo? Ora faça V. a fineza de não se desacautelar senão cai da cadeira.

Os agentes vieram, começaram, digo, recomeçaram outra vez as deligencias interrompidas e estando feita e mais que feita a prova do roubo, com testemunhas de vista que descreviam tudo detalhadamente, limitaram-se a ouvir os arguidos e depois de reduzir a auto a sua negativo mandaram-n os embora, *inocentemente!* Quer dizer: sabe-se que um lapuz qualquer roubou, ha testemunhas que viram roubar, chama-se o lapuz e pergunta-se-lhe: *Olha lá; tu roubaste?* E ele responde: *não senhor, isso è falso.* Está bem; então vai-te embora.

Isto é serio? Isto é digno? Estamos na Calabria ou estamos em Portugal? Que raio de leis são estas e que paiz é este?

Como é que uma autoridade pode assim prostituir impunemente as suas funções?

Onde está a constituição do meu país, onde está o Codigo Civil, onde está o Codigo Penal, onde estão os regulamentos policiais, onde está, enfim, a dignidade pessoal e profissional?

E passa-se assim, tambem, impunemente, por cima de tudo e de todos sem um reparo e sem um protesto!

Não, senhor Director, mil vezes não, por que é por causa de tanta transigencia e de tanta cobardia que nos vamos todos afundando em igno-

minia, quando mais não seja com a conivencia do nosso silencio!

Não há em tudo isto, e o Sr. Comissario bem o sabía, que eu bem lho disse, não há em tudo isto uma questão de ganancia, mas uma questão d'honra e S. Ex.ª permitiu-se o direito de amesquinhar a minha servindo de joguete nas mãos impuras de outrem, obedecendo, como um lacaio, em vez de se impôr como um magistrado.

Disse ele em certa ocasião que se tratava de pessoas de bem. Mas que entenderá esse Sr. por pessoas de bem?

Então para sua Ex.ª um gatuno é uma pessoa de bem?

E eu? E minha esposa? O que seremos para sua Ex.ª?

Naturalmente, sim, naturalmente. somos... somos... vá lá, uns aventureiros, para não dizer outra coisa.

Devo ficar por aqui para não ter de ir mais longe em apreciações. Deve V. estar perfeitamente inteirado do que se passa e querendo mais tem aí perto quem lho diga. Dirija-se V. ao Ex.mo Sr. Dr. Ruela que ele lhe dirá o resto.

Desculpe o tempo que lhe tomei e receba os meus agradecimentos por o alarme da sua local.

Disponha do que se firma com a maior consideração

De V. etc.

Jorge Cruz Lopes dos Reis

O que se encontra narrado nesta carta é gráve e demanda imediata intervenção de quem o possa fazer com prestigio para a Justiça.

Far-se-ha assim ou quererão que voltemos ao assunto?

Festas comoneanas

Teem começo ámanhã no nosso liceu, recebendo nós convite e um cartão de livre transito para assistirmos ao desenrolar do vasto programa, deferencia que muito nos apraz agradecer.

Uma pescaria

Por iniciativa do nosso amigo Luiz Deus da Loure vieram ontem pescar no canal que atravessa a cidade alguns proficionais da Murtosa, revertendo o produto da venda, 221$50, a favor da Santa Casa da Misericordia.

A pescaria atraíu ao local imensos curiosos, louvando nós a lembrança do ex-regedor da Vera-Cruz e bem assim a generosidade do seu acto.

Vendem-se

um cofre á prova de fogo, uma balança decimal, um moinho para café e uma armação para loja de mercearia ou fazendas. Quem pretender póde dirigir-se ao advogado Jaime Duarte Silva—Rua do Sol.

Teatro

"O Moleiro d'Alcalá,,

Efectuou-se na quarta-feira a quarta representação da explendida opereta, que obteve novo sucesso, sendo os principais interpretes freneticamente aplaudidos.

No final do 1.º acto a Aurelio Costa foi ofertada uma soberba palma de flores artificiaes, com largas fitas de seda nas quaes se lia, a letras douradas, a seguinte dedicatoria: *Ao Grupo de Opereta Amadores Aveirenses, os habitués do camarote A* — José de Souza, Artur Cunha, Pompeu Cardoso, Carlos Vidal e Henrique de Brito.

A sala aplaudiu com entusiasmo esta prova de apreço dispensada á simpatica *troupe* na pessoa do seu director scenico, caindo, nessa ocasião, no palco, uma verdadeira chuva de flores.

Houve chamadas especiaes, incluindo ao regente da orquestra Antonio Lé, sendo visados alguns numeros.

***

Hontem teve logar o beneficio da Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios, que tambem brindou o Grupo com dois lindos *bouquets* de flores artificiais e a que não podemos fazer mais larga referencia pelo adiantado da hora a que terminou.

Na segunda-feira é o da Santa Casa da Misericordia, achando-se a casa completamente passada.

Necrologia

Quando na terça-feira, depois de abandonar a oficina onde trabalhava, se dirigia a casa, caíu fulminado pela doença que ha dias o vinha minando, o tipografo Abel de Souza Maia, que ainda na semana passada compoz a parte que lhe competia deste jornal.

Tinha 65 anos o infeliz operario a quem a sorte nunca favoreceu apezar de fiel cumpridor dos seus deveres. Era solteiro, vivia só, sem conforto algum, miseravelmente. Lamentâmo-lo. Porque, não obstante a sua situação, era honestissimo, qualidade de que, com toda a razão, se ufanava e nós muito apreciámos durante a sua longa estada ao nosso serviço.

Que descance em paz o bom velhote.

***

Tambem aos estragos de antigos sofrimentos sucumbiu no mesmo dia a sr.ª D. Doroteia Ferreira, viuva, de 84 anos, irmã do nosso amigo sr. João Ferreira e sogra dos srs. Manuel Barreiros de Macedo, Manuel Estevam da Silva e Manuel Caetano Valente.

A extinta, que deixa vivas saudades, foi durante a sua prolongada existencia um modelo de virtudes, praticando o bem e derramando entre os seus, numa constante persistencia, os efluvios duma vida verdadeiramente evangelica.

A' numerosa familia enlutada a expressão do nosso sentimento.

***

No regresso de Roma, onde havia ido numa peregrinação, foi acometida de doença grave, a sr.ª D. Olimpia Brandão de Matos Viegas, que por esse motivo teve de desembarcar em Lourdes, recolhendo a um hospital para tratamento.

A doença, porem, era das que não poupam, vindo a nossa conterranea a falecer na terça-feira, segundo comunicação recebida nesta didade.

Ao desolado viuvo, o nosso amigo, sr. Alfredo de Matos Viegas, secretario da administração deste concelho, que acompanhava a extinta, assim como á de mais familia enlutada, as nossas sinceras condolencias.

Correspondencias

Nariz, 29 de Maio

Há mais de um ano que o nosso amigo e conterraneo, sr. Manuel de Oliveira Junior, comerciante nesta freguesia, foi operado no hospital de Coimbra, regressando a casa talvez ha uns noventa dias.

Após a sua chegada, foi cumprimentado por muitos amigos, que o felicitaram pelo bom exito que colheu da operação a que foi submetido. Durante êste curto praso de tempo, o sr. Oliveira parecia gosar perfeita saúde e dirígia com todo o desvêlo o seu negocio.

Há dias fomos alarmados com a má nova de que o comerciante Oliveira Junior tinha sido atacado de congestão cerebal, que o prostou no leito, quasi inanimado, onde se conservou algum tempo, sofrendo resignadamente as dores causadas pela terrivel doença, que ontem, pelas oito horas o levou a exalar o último suspiro.

A sua morte foi muito sentida, pois gosava de bastante simpatia pela rectidão do seu caracter, lúcida inteligência e espirito prestantissimo.

O funeral realisou-se hoje, sendo muito concorrido, em especial por pessoas das freguesias circunvisinhas.

Conduzia a chave do caixão o professor Gelásio Rocha, e duraote o pequeno percurso organisaram-se os seguintes turnos:

1.º—Manuel Valério, José Rezende, Domingos Melo, Henrique de Oliveira Alfredo Alberto e Manuel Ferreira Júnior.

2.º—Antonio Valério, Manuel Alberto, Manuel Neto, Armando de Oliveira, Manuel Nunes e José Reis.

3.º—Alfredo de Oliveira Valério, Manuel Ferreira Azenha, Manuel Marques, Joaquim Saraiva, Isac Melo e Manuel dos Santos Coutinho.

Foram oferecidas três lindas grinaldas com as seguintes dedicatorias: *Eterna saudade de sua esposa e filhos; Ultimo beijo de seus netinhos* e *Saudade infinda de seu cunhado Adelino e familia.*

A primeira era conduzida por o sr. João Sobral, a segunda por o menino Trindade Oliveira Freire, neto do extinto, e a terceira por o sr. Francisco Mostardinha.

Dirigiram o funeral os srs. José Alberto e Domingos de Carvalho.

A' familia enlutada apresento sentidos pêsames o

C.

Comarca de Aveiro

Almoeda

POR este Juizo, cartorio do escrivão Albano Pinheiro e nos autos de inventario orfanologico a que se procede por obito de Dona Filomena da Cunha Coeiho, viuva e moradora que foi em Aveiro, vão á praça para serem arrematados por quem maior lanço oferecer, acima de metade das suas respectivas avaliações, no dia 7 de junho próximo, por 13 horas e nas moradas que fôram da inventariada, na Rua Direita desta cidade: — varios bens mobiliarios e outros objectos, pertencentes ao casal inventariado.

Pelo presente são citados os crédores incertos.

Aveiro, 29 de Maio de 1925.

O escrivão do 3.º oficio
Albano Duarte Pinheiro e Silva.

Verifiquei:
O Juíz de Direito
Souza Pires

Banco Regional de Aveiro

Dividendo de 1924

Anuncia-se que o dividendo referente ao ano de 1924, de 8 % captivo de impostos conforme resolução da Assembleia Geral de 2 de Abril, está a pagamento em todos os dias úteis, excepto aos sábados, em Aveiro na séde dêste Banco; no Porto, no Banco Pinto & Sotto Mayor e em Lisboa na Casa Fonseca, Santos & Via.

Aveiro, 1 de Junho de 1825.

Cofre de duas portas

Vende-se, novo, muito barato, assim como um estanca-rios, tambem novo, com 40 alcatruzes.

Na Fabrica Ceramica de Qnintãs se diz.

Fogão

Em estado de novo, vende-se.

Serralharia de Antonio Gamelas, Rua do Sol.